

• **Agroecologia** - A Capital vai acolher a oitava edição do Encontro Ampliado da Rede Ecovida de Agroecologia, de 28 a 30 de maio, no Centro de Cultura e Eventos da UFSC. É a primeira vez que o evento ocorre em uma capital do Sul do país. A programação conta com seminários, debates e 35 oficinas.

Diário Catarinense-Serviço

DEBATE

Mobilidade urbana é tema de seminário na UFSC

A mobilidade urbana foi tema de seminário que pautou discussões sobre políticas públicas, tarifas de transporte público, custos de diversos modais e outros pontos relacionados ao assunto ontem, no auditório da Universidade Federal de Santa Catarina, em Joinville. O seminário foi organizado como preparação para a 13ª edição da Conferência das Cidades, que este ano terá como tema "Mobilidade Urbana".

A Notícia-Joinville

De estudante à chefia

Com 83% dos votos válidos, Carlos Locatelli e Ivan Giacomelli foram eleitos, respectivamente, chefe e subchefe do Departamento de Jornalismo da UFSC, para um mandato de dois anos, a contar de 1º de maio de 2012.

Pela primeira vez, o departamento será dirigido por dois egressos do curso de graduação em Jornalismo da UFSC.

Diário Catarinense-Cacau Menezes



VENDE-SE GUARDA-CHUVAS

O espetáculo infantil *A Ciranda dos Guarda-Chuvas* será apresentada hoje e amanhã, em Florianópolis. Na história, dois palhaços são vendedores de guarda-chuvas. Pingo e Chuvisco, como todos os ambulantes, tentam vender seu produto com brincadeiras e muito bom humor. Mas a chuva não vem. Os personagens resolvem, então, tentar ganhar uns trocados inventando histórias como verdadeiros artistas de rua, já que não conseguem vender.

No Teatro da UFSC (Ao lado da Igrejinha, Trindade, Florianópolis). Às 16h. Ingressos a R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Diário Catarinense-Agenda

|Arte|

Pelas mãos da

Conheça como é feito o trabalho da equipe do Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis

VIVIANE BEVILACQUA

Paciência e dedicação são requisitos indispensáveis àqueles que pretendem trabalhar com conservação e restauração de obras de arte. Profissão ainda não reconhecida oficialmente, presta um serviço inestimável à sociedade, cuidando e preservando o patrimônio cultural. É o que faz a equipe do Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (Atecor), ligado à Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura (FCC).

No ateliê, que ocupa algumas salas do Centro Integrado de Cultura, trabalha uma equipe de seis profissionais – coordenadora, três conservadores/restauradores, um químico e uma estagiária. Eles são especialistas na restauração de pinturas sobre tela e de esculturas em madeira policromada.

É para lá que são enviados quadros, esculturas, imagens de santos e todas as obras de arte dos museus catarinenses ligados à FCC que precisam passar por restauração. Só isso já seria trabalho suficiente para a equipe, tão enxuta, mas eles ainda prestam assessoria e acompanhamento nas intervenções em bens integrados, pinturas murais e altares, dos bens tombados pelo Estado, como Na restauração da Catedral Metropolitana de Florianópolis.

– Muitos pensam que restaurar é pintar por cima, mas estão enganados. Nosso trabalho é muito criterioso, fundamentado em princípios científicos e metodologias reconhecidas nacional

e internacionalmente. Existe toda uma teoria por trás de qualquer intervenção em uma obra de arte – explica Fátima Regina Althoff, arquiteta com especialização em restauração de bens imóveis, coordenadora do Atecor.

Uma das obras que está sendo restaurada no ateliê, neste momento, é *Vista de Desterro – St. Catharina*, óleo sobre tela de autoria de Joseph Brüggmann, de 1866, pertencente ao Museu Histórico de Santa Catarina.

– Não podemos, por exemplo, deixar este quadro “novinho” em folha, pois ele perderia sua historicidade, já que é uma obra com quase 150 anos. O que é antigo tem seu envelhecimento pelo tempo, e isto não pode ser mudado – explica Fátima.

Recentemente, o Atecor recebeu seu primeiro químico. Thiago Costa, 24 anos, faz doutorado na área e trabalha no ateliê há pouco mais de um ano. É ele quem analisa, com a ajuda de equipamentos específicos, os materiais que foram utilizados pelo artista – tintas, aglutinantes e pigmentos naturais ou sintéticos, para depois a equipe decidir como será o processo de restauração. São microanálises, com pequenos fragmentos retirados da obra (tão pequenos que não podem ser observados a olho nu).

– Antigamente os artistas utilizavam principalmente as tintas e pigmentos naturais, como terra, folhas, flores e minerais. A partir do início do século 20, os pigmentos sintéticos ganharam força – explica Thiago, que diz estar feliz em poder usar seus conhecimentos de química para contribuir com a conservação do patrimônio cultural de Santa Catarina.

viviane.bevilacqua@diario.com.br



Restauração da escultura **Cristo Crucificado**, de autoria desconhecida, pertencente à Igreja Nossa Senhora das Necessidades, de Santo Antônio de Lisboa, em Florianópolis



restauração

Oportunidade de fazer história

O Atecor foi criado em 1982 pelo artista plástico Aldo Nunes, especialista em conservação/restauração de bens culturais móveis. Ele era funcionário da Fundação Catarinense de Cultura, e fez o curso no Centro de Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, o único do país nesta área.

Quando voltou, Aldo Nunes começou a capacitar funcionários do Museu de Arte de Santa Catarina (Masc) para a conservação e restauro do acervo. O trabalho foi ampliado para todos os museus da FCC e continua até hoje, por meio de um programa de capacitação profissional, chamado de estágio supervisionado. Funcionários de instituições públicas, como museus ligados a municípios catarinenses, por exemplo, têm aulas práticas dentro do ateliê.

Bruna Michels é aluna do curso de História da UFSC, e desde 2010, faz estágio no ateliê. Participou do curso de Restauração/Conservação em Minas Gerais, e pretende fazer carreira nesta área.

— Entrei no curso de História por acreditar que ele me abriria portas para trabalhar com restauro de obras de arte, que é o meu sonho — comenta Bruna Michels.

Marcelino Correia trabalhava com restauração de móveis e marcenaria

antes de entrar para o Atecor. Formou-se em artes plásticas e especializou-se em arte contemporânea. Já a restauradora Márcia Escorteganha prefere trabalhar com as peças antigas. Está fazendo doutorado em restauração de pintura mural por meio de um intercâmbio entre a UFSC e a França. Completando a equipe, Cristina Siqueira, que trabalhou muitos anos cuidando do acervo do MASC. Ela tem especialização em museologia e conservação de acervos.

No ateliê, várias obras são trabalhadas de forma simultânea. Atualmente, passam por processo de restauração e conservação, entre outras, três peças de escultura sacra, sendo duas em madeira policromada e uma em cerâmica, além de três pinturas (óleo sobre tela), pertencentes à casa dos Açores de Biguaçu, Igreja de Santo Antonio de Lisboa e Museu Histórico de SC. Em um sala, devidamente acondicionadas, dezenas de obras de arte aguardam a sua vez na "fila de espera" pela restauração.

— Trabalho não falta, mas a equipe é reduzida. Infelizmente, patrimônio cultural não dá muita visibilidade política. O que fazemos aqui é um trabalho silencioso, mas importantíssimo para manter viva a nossa história e nossa cultura — desabafa Fátima Althoff, que, além de responsável pelo ateliê, é presidente da Associação Catarinense de Conservadores e Restauradores.



Esculturas sacras com a imagem de Nossa Senhora, em madeira e cerâmica, pertencem ao acervo da Casa dos Açores — Museu Etnográfico de Biguaçu

FOTOS: FÁBIO NUNES



Bruna Michels (E) e Márcia Escorteganha trabalham na obra **Anjo da Guarda**, óleo sobre tela que passa pelo processo de restauração e conservação



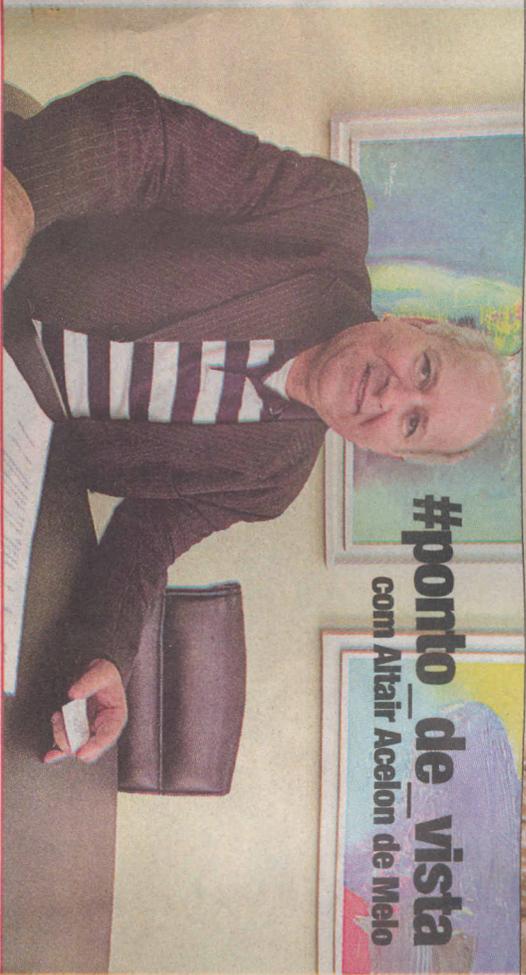
Pintado em 1866 por Joseph Brüggmann, **Vista de Desterro** voltará, após restaurado, para o Museu Histórico do Estado

PANORAMA

Futuro menos dependente

A Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas da UFSC conta 1 milhão de aprovados em concursos públicos e 26 milhões de acessos em seu endereço eletrônico. Sem qualquer "mácula", aponta o superintendente Altair Acelon de Melo, o que torna a Fepese referência estadual nesse branch de concursos. Engenheiro e administrador, Melo foi professor de Administração da UFSC e há oito anos toma conta dessa que é uma das quatro fundações de apoio da Universidade. Com uma meta orçamentária anual em torno de R\$ 60 milhões, a Fepese mantém 68 projetos ativos nas mais diferentes áreas. Da produção de chips na área de biomedicina a todo sistema de ensino tecnológico a distância do governo federal, passando por um braço solar e um simulador para o Denatran.

ADRIANA BALDISSARELLI
 panorama@noticiasododia.com.br
 @abaldissarelli



#ponto de vista
 com Altair Acelon de Melo

ADRIANA BALDISSARELLI/ND

Estabilidade — Hoje, a carreira pública traz uma estabilidade. Quem está na iniciativa privada tem maior receio com o futuro. Os latinos de maneira geral são diferentes dos saxônicos, porque pensam muito no presente. Mas isso tem mudado, as novas gerações sabem que tem de preparar o futuro e não depender do governo.

Mudança — Com a nova lei da previdência complementar, todos os servidores públicos aprovados em concurso e contratados vão passar por novo processo, passarão a se aposentar da mesma forma que os demais, da iniciativa privada, pelo teto do INSS. Quem quiser ganhar mais, terá de fazer um plano de previdência para complementar sua aposentadoria. Passar num concurso público tinha esse apelo de se aposentar pelo salário final. Mas infelizmente, ou felizmente para o país - porque ainda é preciso ver o impacto disso na economia e na sociedade -, agora os servidores também terão essa preocupação com uma previdência complementar.

Poupança — O Brasil tem um bom índice de poupança média por população, supera alguns países até mais desenvolvidos, mas é diferente de outros países, onde se programa a poupança para o final da vida. Aqui se faz por uma questão de necessidade econômica.

Sociedade do conhecimento — O mundo está se transformando, passamos de uma sociedade industrial para uma sociedade do conhecimento. Hoje não vivemos sem celular, mas vivíamos há 10, 15 anos. Hoje não se vive sem internet, mas vivíamos. Cada vez mais a sociedade vai gerando conhecimento e opções e as pessoas vão buscando alternativas para sobreviver e ganhar dinheiro. Isso move essa máquina da economia mundial e o Brasil não foge disso também.

Gripe UFSC — A UFSC é uma gripe muito forte em qualquer lugar do mundo. Tenho viajado por este mundo afora e a UFSC é respeitada na sua produção científica, na sua produção social,

é uma das universidades que mais publica artigos técnicos no mundo. Lógico que ninguém compete com as universidades de ponta da Alemanha e dos Estados Unidos, mas em nível de América Latina, estamos na ponta.

Importação de cérebros — O Brasil está passando por um processo diferente, mas a crise vai chegar aqui. Enquanto não chega, temos carência em várias áreas, principalmente tecnológicas. Estamos importando engenheiros, estamos importando técnicos. Há até um conflito com os Estados Unidos e os países europeus. Sou presidente de um círculo italiano e vejo quantos europeus estão vindo para o Brasil: são engenheiros, técnicos, professores que estão largando a Europa. É uma mão de obra extremamente competente, qualificada, treinada, que vai cair muito bem hoje no Brasil. Mas temos de criar um programa para o nosso povo, para os nossos estudantes.

Conflito — O governo do Brasil está até um pouco reticente em fazer essa abertura com

os EUA porque sabe que se tiver uma relação bilateral de livre movimentação de pessoas, o Brasil vai perder muito, porque a mão de obra que vier pra cá será absorvida.

Formação local — O empresário quer uma pessoa que atenda sua expectativa e o Brasil precisa formar essas pessoas. Hoje, as nossas universidades de engenharia não dão conta. Temos feito concurso público para várias instituições e há três cargos para os quais ou não há candidato ou quando passam vão embora para ganhar mais: engenheiros de todas as áreas, com exceção da civil, área tecnologia de informação e contador.

Brasil mudou — O Brasil é um país diferente daquela da minha época de universidade. Estudei num país de crise, sem futuro, mas chegou o momento em que a população e economia ganharam nova dinâmica. É um país continental com um mercado de consumo respeitável e tem local para todo mundo trabalhar. A crise vai passar por aqui mais vai demorar um pouquinho.

Bairros

Na mesma. Moradores dizem que região se tornou passagem para a UFSC e a Eletrosul

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdodia.com.br
@pc_ND

Descendo pelo morro da Carvoeira ou vindo pelas curvas do José Mendes, a vista que se descortina é a de uma planície espremida por escarpas e banhada pela enseada que termina lá pelos lados do Carianos, depois da Costeira do Pirajubá. O que era "praia, estrada e mata", na expressão de um morador, começou a dar lugar a prédios, conjuntos habitacionais e a pessoas de fora, a maioria estudantes da UFSC que mexeram com o sotaque local, manso e cantado. A essência, contudo, pouco mudou, e divide opiniões entre os que definem o Saco dos Limões como o bairro do "já teve" e os que dizem que ali nada vinga, dos supermercados às barraquinhas de cachorro quente.

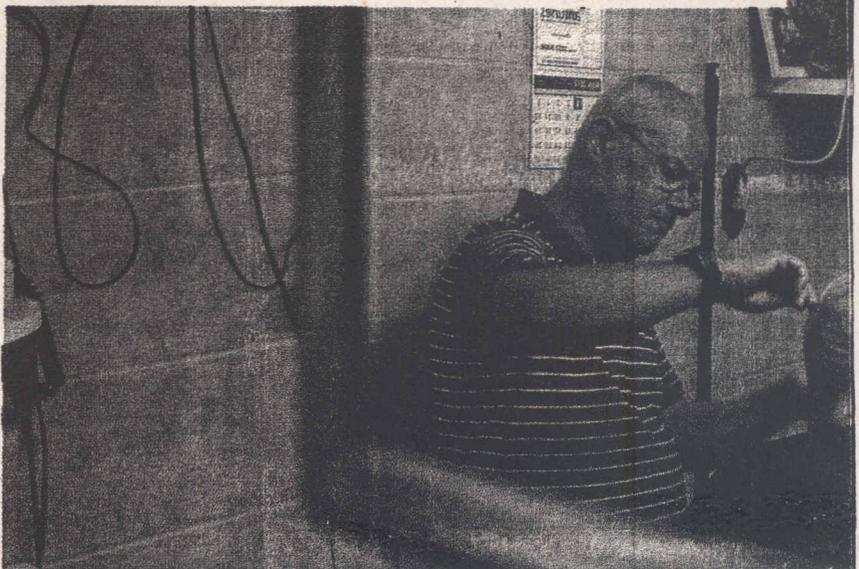
"Você pode abrir uma barbearia, um bar ou uma loja, tudo afunda", afirma, peremptório, o aposentado Wilson Maciel, 76 anos, que já nem mora mais ali, mas que visita o irmão Amilton, velho plantador e fornecedor de hortaliças para o Mercado Público, de vez em quando. O lodaçal que trazia berbigões e facilitava a pesca de miraguias foi substituído pelo aterro e pelas seis pistas que ligam o Centro ao Sul da Ilha, ao aeroporto e ao estádio da Ressacada em dias de jogo. O bairro se tornou um corredor, passagem para milhares de pessoas que vão para o túnel, a Eletrosul e a Universidade Federal – e isso, paradoxalmente, esvazia o comércio local, inviabilizando qualquer projeto de negócio na região.

"Parece que tem cabeça de burro enterrada aqui", reforça o barbeiro Waldemar da Silva, 64 anos, estabelecido há quatro décadas na rua João Motta Espezim. Ele próprio desfaz em parte essa sentença, pelo tempo em que trabalha na via mais movimentada do bairro, mas se considera testemunha da estagnação que faz crescer o número de placas de "vende-se" e "aluga-se" nas redondezas. "A construção da Via Expressa movimentou os bairros do Sul, não aqui", garante.

Mesmo local. Wilson Berto da Silveira reduziu o número de clientes, mas diz que os que persistem são fiéis à sua barbearia



Saco dos Limões, o bairro do 'já teve'



O barbeiro que folga aos sábados

Também barbeiro, Wilson Berto da Silveira segue a toada dos que lamentam as poucas perspectivas do Saco dos Limões. Com 46 anos de profissão, ele é categórico ao afirmar que "aqui está tudo no mesmo desde que éramos guris". Por outro lado, sente falta do que o bairro "já teve". Teve os clubes sociais Limoense e Ipiranga, teve sete times de futebol com sede própria, teve dois supermercados (o Imperatriz, que fechou as portas, e o Baía sul, que persiste na área onde já funcionaram a garagem e a oficina da empresa de transportes coletivos Limoense), teve um comércio que dava conta das demandas do bairro. E teve mais farmácias, padarias, lugares onde dançar e se divertir.

Instalado desde 1978 a poucos metros do Armazém Vieira, Wilson Silveira diz que já fez 650 cortes de cabelo por mês, mas perdeu clientes e hoje, já sem trabalhar aos sábados, mantém uma clientela de 300 pessoas. Se viu sua freguesia despencar, ele se orgulha da fidelidade de quem o procura. "Há gente que vem da Lagoa da Conceição e de Barreiros para cortar aqui", assegura. Um cliente vem de Porto Alegre para sentar na sua cadeira de barbeiro. O problema é que a Costeira, antes um mero caminho para o sul, passou o Saco em açougues, mercados, farmácias e até campos de futebol. Silveira só não sai dali por causa da vizinhança. "Meu pai construiu sete casas na rua, uma para cada filho, e todos moram aqui até hoje", justifica.

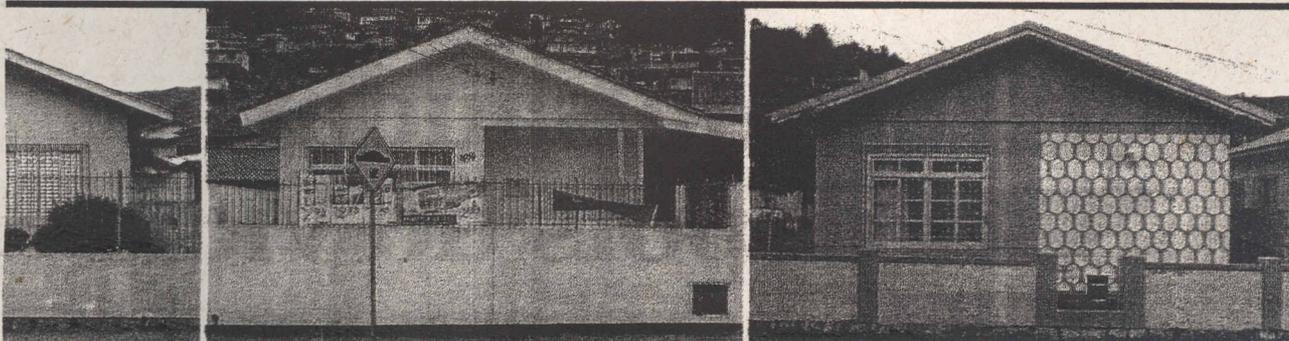
Clube social deu lugar a uma igreja

Um retrato do abandono do bairro é o estado precário das instalações do colégio Getúlio Vargas, na opinião do barbeiro Waldemar da Silva, mas ele lamenta também o fim dos clubes Limoense, que deu lugar a um prédio, e Ipiranga, que se transformou numa igreja. Apesar das crises constantes, a Imprensa Oficial continua no bairro. Já o time do Fernando Raulino, ao contrário do Ajax e do Caerense, parou de competir. O posto policial erguido pelos moradores da Ceira foi desativado pelo governo do Estado, mas nem ele, nem outros moradores antigos se queixam da falta de segurança, porque os furtos e roubos são raros na região. Waldemar faz parte de uma família de nove irmãos barbeiros nascidos em São Pedro de Alcântara, que herdaram a profissão do pai e estão espalhados por vários bairros da Grande Florianópolis.

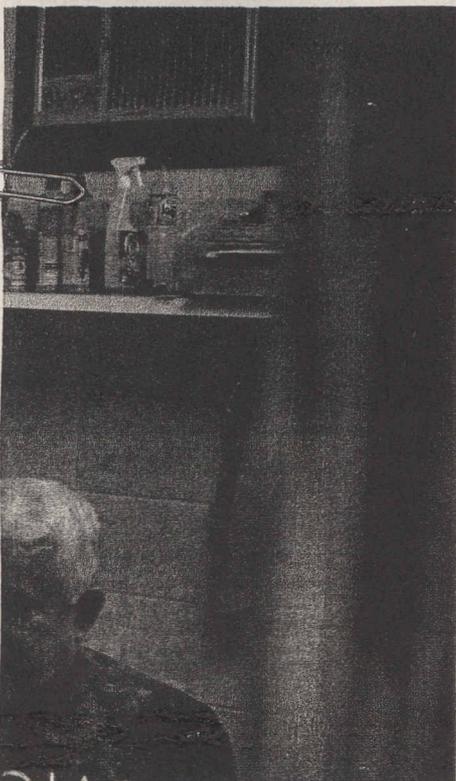
DE LADO
Morador crê que a construção da Via Expressa movimentou apenas os bairros próximos



Menos lazer. Waldemar da Silva lamenta o fim de dois clubes sociais onde os moradores se divertiam



Tal e qual. Casas com fachadas parecidas caracterizam a Vila Operária, uma das marcas do Saco dos Limões



FOTOS DANIEL OLIVEIRANO

Hábitos que perseveraram

Calmaria. Famílias antigas mantêm rotinas e ignoram ruído provocado pelo tráfego intenso

Se há quem lamente o marasmo do Saco dos Limões, é possível encontrar também aqueles que ressaltam os progressos, por menores que sejam, e a preservação de hábitos que se perderam em outros pontos da cidade. Amilton Maciel, o Dato, de 83 anos, fala dos prédios de apartamentos recém-construídos, do shopping center que chegou a ser cogitado e do Parque da Ciência, que a Universidade Federal de Santa Catarina planeja implantar em uma ampla área do aterro, próximo ao Armazém Vieira. Ele já plantou três mil pés de alface por safra para vender na banca que a família mantinha no Mercado Público, para onde também levava cenouras e pepinos de carrinho de mão e, posteriormente, numa pequena carreta puxada a cavalos.

Hoje, Amilton ainda cultiva

verduras para consumo próprio e, em parceria com um filho, orquídeas para vender. Vive como nos velhos tempos, andando descalço ou de tamanco, e parece imune ao barulho dos carros que passam pela rua João Motta Espezim, a poucos metros de sua casa. Já pensou em vender a propriedade, grande para os padrões do bairro, mas voltou atrás, com medo de não se acostumar aos apertos de um apartamento. Sobre o pas-

sado, lembra dos plantadores de hortaliças do Sertão, pequena comunidade localizada próximo ao Córrego Grande, que passavam de madrugada pela rua principal do Saco dos Limões rumo ao Mercado, com suas tochas, cavalos e balaio cheios de grãos, verduras e frutas frescas.

O time dos otimistas e conformados conta também com Osvaldo Campolino Martins, conhecido como Seu Vadico, que manteve até há pouco um minimercado na Caeira do Saco dos Limões. Ele passa as tardes jogando dominó com os amigos no Caerense, clube que sobreviveu às transformações do bairro. "Sou feliz de residir aqui, porque a maioria dos moradores permanece e vivemos como uma família", diz ele. Ter trabalhado durante 56 anos como dono de mar e mercado tornou-o uma das figuras mais conhecidas da região.

“
Sou feliz de residir aqui,
porque a maioria dos
moradores permanece e
somos como uma família.”

OSVALDO CAMPOLINO MARTINS,
EX-COMERCIANTE

“Saem para comprar no Centro”

Um dos personagens mais conhecidos do bairro é Valmor Dilson de Moraes, 80 anos, que faz o gênero saudosista e sente falta das velhas festas de São João, dos bailes no Limoense e do futebol no Ipiranga, onde não perdia um jogo. Ex-funcionário da UFSC e torcedor fanático do Avaí, ele cultiva os amigos que continuam vivos, circula pelas ruas, bate na porta dos estabelecimentos comerciais de pessoas conhecidas e dá o seu alô. Ele é um dos que consideram os moradores responsáveis pelo insucesso do comércio local. “Há coisas aqui, mas eles vão comprar no Centro”, afirma. Quando casou, teve a oportunidade de morar no Estreito, onde havia servido o Exército, mas recusou. E admite que gosta de uma boa conversa. “Tem que ter uma fofoquinha, não é mesmo?”, provoca.

A queixa contra os moradores do Saco por conta da estagnação do bairro ganha força com Seu Vadico, que já vendeu roupas, gravatas, cobertores e material elétrico no minimercado que manteve perto da escola Consulado do Samba, na Caeira. “O pessoal não ajuda, prefere pegar o carro e comprar em outros bairros”, diz. Menos mal que muitos filhos dos antigos moradores continuam morando ali, mantendo um pouco do clima dos velhos tempos. “A gente conhecia todo mundo e sabia a cor da casa de todas as famílias dos arredores”, conta ele.

Personagens.
Valmor Dilson
de Moraes
gosta de uma
boa conversa,
e Seu Vadico
frequenta o
clube Caerense



Limoeiros e laranjais impressionaram os viajantes estrangeiros

O nome dado ao bairro do Saco dos Limões, comunidade que surgiu no final do século 18, tem relação com os muitos limoeiros plantados ali, juntos com os laranjais e as roças da mandioca e café sombreado. Viajantes estrangeiros fundeavam suas embarcações na enseada e já naquele tempo consideravam as laranjas da costa uma das mais

saborosas do mundo. O historiador Nereu Corrêa escreveu que a fruta era muito procurada por esses aventureiros porque ajudava a prevenir o escorbuto, doença muito comum entre os navegadores.

A construção da Via Expressa Sul, há mais de 10 anos, mudou o perfil do bairro, aumentando a área da planície costeira e separando o

mar da comunidade. Com o aterro, sobraram poucos ranchos de pesca à direita da praia, já próximo ao bairro Chico Mendes, e os terrenos restantes passaram a ser ocupados por dezenas de espécies de aves que acasalam ali. Há também espécies migratórias que fazem do local um ponto de parada em suas longas viagens de um continente para outro.

27/05/2012

• **Feira** - A partir deste domingo, ocorre a Feira de Sabores e Saberes, na Praça da Cidadania da UFSC. São mais de cem produtos agroecológicos oferecidos, de frutas frescas a queijos e vinhos, além de apresentações culturais, lançamento de filme e sessões de cinema. Informações: (48) 9914-9034.

A pista

A UFSC abriu a licitação para a construção de um dos trunfos do campus de Joinville: a pista de testes na área de mobilidade. Como as demais instalações da área ao lado da BR-101, a pista só começará a ser usada a partir de 2014.

Diário Catarinense-Serviço

A Notícia-Portal

11 horas de horror

Engenheira é sequestrada

DIOGO VARGAS E JOYCE SANTOS

Chegou ao fim no começo da madrugada deste sábado o sequestro da engenheira Carolina Luisa Vieira, 28 anos, em Florianópolis. Ela contou ter ficado 11 horas em poder de um sequestrador em seu próprio carro, que a libertou no aeroporto de São José dos Pinhais, na região metropolitana de Curitiba, no Paraná.

Carolina afirmou que foi rendida por volta do meio-dia nas proximidades da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no bairro Carvoeira, quando dirigia-se para

o seu carro, um Sandero.

Ela estava sozinha. O sequestrador fez saques com a vítima, abasteceu o veículo e rumou para o Paraná. A investigação mobilizou policiais civis da Diretoria Estadual de Investigações Criminais (Deic), da Capital, além de policiais civis da Delegacia de Roubos, da Capital. Familiares usaram a rede social Facebook para informar e pedir ajuda e informações.

A vítima retornou a Florianópolis de avião e chegou à capital catarinense por volta de 1h30. Ela reencontrou os familiares na Deic.



Carolina Luisa Vieira

A Notícia-Estado

Especial

facebook

Pesquisar



Victor Almeida de Souza
 PESSOAL, AQUI É A FAMÍLIA DA CAROL.
 ELA SABU HOJE (25/05, 12:15h) DA UFSC DE CARRO E FOI SEQUESTRADA.
 CARTÕES DE CRÉDITO JÁ FORAM RASTREADOS E CONFIRMAM O SEQUESTRO.

ATÉ AGORA (19:52) NENHUMA INFORMAÇÃO..

TELEFONE: [REDACTED] - MÃE DA CAROL

Compartilhar · há 7 horas

Henrique Aguiar curtiu isto.

5.276 compartilhamentos

Se alguém tiver alguma notícia favor avisar... é prima de uma colega de trabalho...
 há 7 horas · 451

Um sequestro acompanhado pela internet

DIOGO VARGAS E JOYCE SANTOS

diogo.vargas@diario.com.br
 joyce.santos@diario.com.br

Um pedido de socorro emitido via Facebook pela própria família da vítima marcou de maneira única um sequestro ocorrido nesta sexta-feira em Florianópolis. Milhares de desconhecidos e centenas de amigos, além da polícia, acompanharam o roteiro do crime pela internet. A sequestrada, que conseguiu manter-se de posse de seu celular, percebia que o seu drama estava sendo narrado ao vivo pelas redes sociais enquanto ela era levada rumo ao

Paraná, num caso aparentemente inédito da crônica policial. Os veículos de comunicação, porém, só passaram a divulgar o caso após se certificarem da segurança total da refém. Onze horas após ser abordada num estacionamento da UFSC, ela foi liberada pelo criminoso, perto do Aeroporto Afonso Pena, em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, de onde tomou um voo de volta para reencontrar os familiares.

Terminou na madrugada deste sábado o sequestro de mais de 11 horas da engenheira de produção Carolina Luisa Vieira, 28 anos, de Florianópolis.

A história foi narrada nas redes sociais por familiares desesperados com o sumiço da jovem, libertada perto do Aeroporto Afonso Pena, em São José dos Pinhais (PR), na região metropolitana de Curitiba.

A própria vítima chegou a acompanhar as mensagens publicadas no Facebook, em seu telefone celular, quando estava no carro em poder do sequestrador. Houve milhares de compartilhamentos do apelo da família durante a tarde e a noite.

O sofrimento se encerrou com um desfecho ainda mais surpreendente: Carolina contou que conseguiu convencer o criminoso

a libertá-la na região do aeroporto e este lhe entregou o cartão de crédito em troca do relógio para que pudesse pegar um voo e retornar para a capital catarinense.

A engenheira foi rendida pouco depois do meio-dia de sexta-feira, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde faz doutorado. O homem portava uma pistola prata, segundo ela descreveu.

Carolina seguia para o seu carro, um Sander, quando viu o desconhecido em sua direção. Ela achou que ele fosse um trabalhador de uma obra dentro da universidade. O homem, então, a rendeu, a colocou no banco traseiro do carro e saiu dirigindo. No Bairro Carvoeira, parou numa rua, verificou se não havia ninguém olhando e, então, ordenou que ela fosse para o porta-malas.

O sequestrador rodou pela cidade com a

refém dentro do carro, sacou R\$ 1 mil de um cheque da mãe de Carolina e abasteceu o veículo. Depois de rodar por várias horas, ele pegou a Via Expressa e a BR-101 sentido Norte. Durante a viagem, Carolina pediu ao sequestrador que a deixasse sair do porta-malas, pois ela não seria mais reconhecida. O pedido foi atendido após alguma insistência. Pouco depois das 19h, os dois pararam num posto de combustíveis de Piçarras, no Litoral Norte.

Enquanto o sequestro estava em andamento, familiares se desesperaram. A divulgação de fotos pela internet foi o primeiro passo na busca de notícias. Pelo Facebook, a família divulgava números de telefones para eventuais informações. Ao mesmo tempo, ocorria uma grande mobilização policial na Capital, liderada pelo delegado da Divisão Antissequestro da Diretoria Estadual de Investigações Crimi-

nais (Deic), Renato Hengdes.

Por volta das 19h30min, após rastrear os saques, a polícia conseguiu as imagens do posto de Piçarras e identificou o sequestrador. No posto, o criminoso tinha feito uma refeição rápida e, segundo a vítima, até deixado a chave na ignição. Com medo de estar sendo observada, não se encorajou a fugir.

O drama continuou na BR-101 em direção ao Paraná. Foi a partir da identificação do criminoso que a polícia desconfiou que ele seguiria para o Estado vizinho, de onde é natural. A certeza se confirmou com o rastreamento do celular dela, localizado próximo ao Aeroporto Afonso Pena, de onde enviou mensagem à família dizendo estar bem e apelando para que o cartão de crédito não fosse cancelado, o que lhe possibilitou comprar a passagem de volta para Florianópolis.

SEGUIE >

66 Convenci ele de me tirar do porta-malas 99

Ao chegar à Deic, em Florianópolis, Carolina foi tranquilizada pelos policiais e, incentivada por eles, conversou com os repórteres. Abaixo, os principais trechos:

Agora, você pode desabafar. Conte o que aconteceu.

Carolina – Olha, se não fosse bizarro, seria engraçado. Porque eu não sei como é que a gente teve tanta calma. Eu fiz amizade com o cara, troquei o meu celular pelo relógio, eu dei cheque, eu cantei sertanejo. Ele estava armado, eu não sei qual era a arma.

Ele deu a impressão de estar disposto a qualquer coisa?

Carolina – Acho que o importante é manter a calma, e eu consegui fazer isso. Ele me pegou na UFSC, atrás do estacionamento da Arquitetura, dentro do campus. Eu estava entrando (no carro), estava chovendo, daí eu bati a porta. Tive que abrir a porta de novo, porque a sombrinha bateu na porta, e aí ele me abordou, me mandou sentar no banco de trás e depois me botou no porta-malas. Daí eu fiquei no porta-malas até umas 17h30min... Eu rodei com ele pelo Centro, fui conversando, conversando com ele. Aí ele contou umas coisas, e eu disse "Ah, que ótimo, beleza". Ele disse que tinha um filho de quatro meses. Eu disse "Ah, que lindo, né?". "Compra as coisinhas pro teu filho". E ele: "ah, quero comprar para o meu conforto". Daí eu: "compra, usa o cartão até amanhã, usa o cartão, compra tudo o que tu quiser (riso nervoso)". Por volta das 17h30min, a gente começou a pegar a Via Expressa.

Lembra que arma ele tinha?

Carolina – Ele dizia que era uma pistola. Eu não vi. Era uma arma prateada.

Mas você consegue distinguir entre uma pistola e um revólver.

Carolina – Dá. Era um estilo pistola assim... Aí, eu consegui convencer ele a me colocar no banco da frente. E comecei a conversar mais. Fui até Curitiba. E ele: "O que você vai fazer quando chegar a Curitiba?". Eu falei "vou ligar pra minha família, pra minha tia que mora lá e vou ficar lá". Aí, quando a gente estava chegando perto ele disse "ah, estou ficando preocupado". Daí eu disse "não, então eu vou fazer o seguinte, eu estou sem celular", porque eu tinha trocado o celular pelo relógio, aí eu disse "eu volto de ônibus e aí eu ligo pra alguém só quando eu chegar a Florianópolis". Daí ele "não, então tu diz que a gente te dei-

xou em Florianópolis". Beleza. Daí eu tive que reassurar a minha honestidade pra ele, dizer que a gente estava sendo sincero um com o outro, que eu acreditava nele, que eu estava tranquila por causa disso. Ele me deixou em Curitiba e me deu o cartão para eu comprar a passagem. Consegui fazer ele me dar cartão, dinheiro pro táxi para chegar à rodoviária, mas daí eu não tinha suficiente e estava perto do aeroporto. Aí resolvi ir para o aeroporto e lembrei que tinha um voo de Curitiba pra cá. E tô aqui.

O que você mais pensava quando estava presa no carro?

Carolina – Tentar sair dali.

Você pensou alguma coisa ruim?

Carolina – Quando fiquei muito tempo trancada no porta-malas, eu disse "ai, eu não sei o que esse cara está fazendo". Mas daí, quando sentei ao lado dele, consegui conversar e ver o que ele ia fazer ou não.

Em que ponto da viagem ele lhe tirou do porta-malas?

Carolina – Ah, eu convenci ele de me tirar do porta-malas quando ele disse "ah, vou te botar pra frente". Aí eu disse "não, aí quando a gente estiver andando na BR, quando estiver mais rápido, não tiver ninguém olhando para os carros do lado, destampo o porta-malas e pulo pra frente". Aí ele "ah, vou pensar". Depois comecei a falar de novo, "não, mas

então quem sabe tu me deixa sentar na frente, a minha coluna está doendo, está meio abafado", ele disse "tá apavorada?". E eu "não, não, minha coluna está doendo. Estou sentada aqui e está ruim". Daí ele "então tá bom, senta pra frente". Daí eu sentei pra frente, pulei o banco e fiquei ali.

E no final, que estratégia você usou para que ele se convencesse a lhe libertar?

Carolina – Eu fui dizendo pra ele que eu ia voltar para Florianópolis, que eu não ia ligar pra ninguém. Na verdade, foi um pouco do que eu fiz também. Eu só mandei uma mensagem rápido de Curitiba. Consegui carregar um pouquinho (o celular) no computador da companhia aérea. E aí liguei mesmo para alguém quando eu cheguei aqui. Foi o que eu combinei com ele.

Que lição você tira depois de passar tanto tempo nas mãos de um sequestrador, passar de um Estado para o outro e ninguém ter parado vocês?

Carolina – Fiquei pensando assim... eu não sabia até que ponto já estavam me pro-

curando ou não. Eu não conseguia saber por causa do celular. Aí, na verdade, em Curitiba, quando liguei o celular vi várias mensagens. Mas ninguém nunca parou a gente. Na verdade, se tivessem parado, eu ia colaborar com ele e fazer tudo o que ele me pedisse. Eu colaborei sempre, todas as vezes que ele me disse para ficar no carro esperando, fiquei ali. Quando a gente parou no posto, tentei fazer um pouco de sinal com a mão, mas a tampa estava muito trancada no porta-malas.

Foram quantos saques?

Carolina – Na verdade, eu dei um cheque de R\$ 1 mil, que ele sacou. Ele não conseguiu fazer mais nenhum outro saque, mas ele está usando o cartão.

Mas na BR-101, quando ele parou, você ainda estava no porta-malas?

Carolina – Ah, eu fiquei um tempo no porta-malas na BR, depois pulei pra frente.

Mas com você na frente, ele chegou a parar novamente?

Carolina – Ah, sim. Porque eu vi no Facebook que dizem que tem a foto de um casal no carro. Que é ele... eu estava sentada no banco da frente, provavelmente. Aí ele parou pra eu comer e perguntou se eu queria fazer xixi. Comprou chocolate, suco... Eu disse "ah que ótimo, eu adoro chocolate".

Desde o início ele disse que era um sequestrador, anunciou isso?

Carolina – Não. Ele disse que não era um sequestrador. Ele disse que queria roubar o carro, dinheiro, e que ia me soltar. E eu ia trabalhando com a ideia de que ele ia me soltar.

Ele ficou em Curitiba?

Carolina – Ficou. E... eu não sei pra onde ele foi. Ele me deixou lá.

E o que você achou quando viu que a notícia do seu desaparecimento tinha se espalhado pelas redes sociais?

Carolina – Eu pensei "que bom, funciona rápido" (riso nervoso). Na verdade, eu fiquei também um pouco mais segura. Se já estão me procurando, não fui eu que falei nada... o problema não é meu, digamos assim...

Ele a ameaçava?

Carolina – Um pouco. Quando ele saía do carro, sim. Mas mesmo assim, uma hora ele saiu do carro e eu fiquei sentada na frente. Ele deixou a chave e eu fiquei ali. Depois, ele voltou, tirou a chave e disse "não faz gracinha". Eu disse "não, beleza. Estou aqui sentadinha. Estou te esperando".

Você não pensou em sair correndo?

Carolina – Quando eu fiquei muito tempo trancada no porta-malas, sim. E ele saía por tempos mais longos. Mas como eu não sabia muito bem onde eu estava, eu pensei "vai que este cara está esperando eu sair do porta-malas". Disse "não, eu fico aqui e a gente vai trabalhando de outra forma".

Na UFSC ele lhe pôs no porta-malas?

Carolina – Não, na Carvoeira. Ele subiu na rúta da Carvoeira, esperou saírem as pessoas da rua, 'bicou' em uma garagem...

E ele chegou a falar com alguém?

Carolina – Ele falou com alguém, ele tinha um celular. Ele quis usar o meu, mas acabou a bateria. Ele falou com alguém, mas eu não sei quem era. E eu não vi... mas eu acho que ele fez alguns negócios. Trocou umas coisas.

No posto do Rita Maria você ficou sozinha do lado do passageiro no carro?

Carolina – No posto do Rita Maria? Talvez tinha mais alguém no carro, não vi.

E para pegar o voo, como é que foi?

Carolina – Cheguei ao balcão da Trip, eu vi qual era o próximo voo para Florianópolis, sabia que era mais ou menos...

Mas não era você sentada no banco do posto?

Carolina – Tinha mais alguém, porque eu estava no porta-malas. Eu não ouvi... Tive a impressão,

em algum momento, que tinha mais alguém dentro do carro.

Homem ou mulher?

Carolina – Eu não ouvi nada, porque... eu ouvi duas portas batendo. Mas, como mais tarde eu pulei pra cima do banco e tinha coisas em cima do banco, só achei que ele tinha colocado algumas coisas ali... e não que tinha entrado mais alguém.

Mas ele deixou um cartão para você comprar a passagem?

Carolina – Deixou. Porque eu tinha que voltar, não tinha dinheiro... aí ele "então vou te deixar o cartão". O cartão mais... podrinho, que não tinha muito saque.

Qual foi a sua reação? Não procurou ajuda, socorro?

Carolina – Não. O combinado, isso foi uma coisa que eu expressei muito, o combinado com ele entrar em contato com as pessoas quando chegasse a Florianópolis. Por mais que doesse, que eu estivesse agoniada. Foi o que eu fiz.

66
Em Curitiba,
quando religei
o telefone celular,
vi várias
mensagens

66
O combinado era só
entrar em contato
com pessoas
quando eu chegasse
a Florianópolis



O pai (E), muito nervoso, não continha a alegria

O pressentimento da mãe

O último contato que Carolina fez com a família antes do sequestro foi ao meio-dia, para confirmar que iria almoçar em casa, no Bairro Carvoeira, em Florianópolis. Como um pressentimento de mãe, a médica Maristela Vieira começou a estranhar a demora da filha no momento em que ela era rendida pelo criminoso.

– Ela é supercertinha, e comecei a estranhar quando percebi que já eram 12h30min e ela ainda não havia chegado para almoçar. Fiquei superpreocupada, fui até o trabalho dela e ela não estava. Co-

meçamos a entrar em contato com os amigos – contou a mãe.

O sequestro foi confirmado quando a Polícia Civil monitorou as movimentações do cartão de crédito. O pai, o administrador Tulne Sebastião Velho Vieira, ficou em casa para garantir o contato caso o sequestrador fizesse algum telefonema. Nas mais de 11 horas de angústia, quase 50 amigos estiveram na casa da família para manifestar solidariedade ao sofrimento, reforçado a cada nova informação sobre o caminho percorrido sob a ameaça do criminoso.

– Foi muito angustiante, foi difícil manter a calma, mas a força dos amigos e também o trabalho da polícia, e a colaboração da imprensa fez com que tudo terminasse bem – relatou o pai, na Deic.

O comportamento de Carolina, que conseguiu se manter calma, ouvir as histórias do sequestrador e não contrariá-lo em nenhum momento, não surpreendeu a mãe da vítima.

– Ela é muito esperta, isto me ajudou a manter o pensamento positivo. Mas sofremos muito porque ela estava com um crimi-

noso e, então, cada segundo era imprevisível – disse a mãe.

O advogado Jefferson Luis Kravchychyn, membro do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), acompanhou o amigo, pai da vítima, durante boa parte das horas que antecederam o desfecho feliz.

– A dedicação, o esforço para conquistar os estudos, a batalha da família para ter uma vida tranquila pareciam estar prestes a se desfazer em segundos. Mas a força das pessoas que estavam presentes amenizou muito esses momentos difíceis.

Suspeito ficou sete dias preso

Após a libertação da vítima, a Deic divulgou a identidade e a foto do principal suspeito do sequestro – um rapaz paranaense de 22 anos. Em abril, este jovem havia sido preso em flagrante por extorsão em Florianópolis, mas, depois de sete dias na cadeia, ganhou o alvará de soltura e voltou para as ruas. Ele foi preso na manhã de sábado, em Londrina, e trazido de helicóptero, no mesmo dia, para Santa Catarina.

– Ele havia sido preso por extorsão e foi solto. Está difícil alguém ficar preso hoje em razão da legislação – lamentou o delegado Renato Hengdes.

A mobilização policial no caso reuniu também policiais de outras divisões da Deic e da Delegacia de Repressão a Roubos da Capital, coordenados pelo delegado Marcus Fraile.

– Trabalhamos no monitoramento do aparelho celular da vítima e conseguimos saber mais ou menos onde ela estava. A partir disso, foi montada uma estratégia para o abordarmos no Paraná, onde ela foi libertada – afirmou o delegado Fraile.

Os policiais disseram que não fizeram bloqueios na estrada para não colocar a vida da engenheira em risco. As buscas agora para localizá-lo serão no Paraná. Policiais daquele Estado foram acionados. ■



Familiares se emocionaram no reencontro com Carolina (de costas)

Pioneira em embalagens ecológicas

A atual onda de sustentabilidade no país foi surfada pelos empreendedores da C-Pack, Creative Packaging SA, na Europa, nos anos de 1990. Foi por isto que a empresa de São José, na Grande Florianópolis, aberta em 2002, numa iniciativa suíço/brasileira e hoje, lider latino-americana em embalagens tipo bisnaga, nasceu com foco na preservação ambiental e tecnologia de ponta. Presidente e sócio da companhia, o maneirinho Luiz Gonzaga Coelho está animadíssimo com a PE Verde, nova embalagem flexível que a empresa vai lançar terça, em São Paulo, feita com o plástico desenvolvido pela Braskem a partir da cana de açúcar. Além disso, a C-Pack desenvolveu mais dois produtos ecológicos em seu laboratório: o PCR, com uma camada interna de plástico reciclado, e outro feito de resina derivada de milho e batata, item que poderá ser exposto no Rio+20. O grupo suíço, que atua com hospital privado classe A em Genebra, tem outros negócios na região. No ano passado, se tornou acionista do Hospital SOS Córdio, no qual Gonzaga também atua na gestão. A C-Pack, que este ano completa 10 anos, vai faturar mais de R\$ 100 milhões. Fornece produtos para os setores de cosmético, farmacêutico, de alimentos e outras indústrias.

Por que, após uma carreira na Europa, você retornou como investidor, com sócios da Suíça?

Luiz Gonzaga Coelho – O que me motivou a trabalhar na Europa foi uma curiosidade, uma vontade de entender porque lá as coisas funcionavam de maneira mais equilibrada e, também, aplicar algo aqui. Fiquei na Suíça por 17 anos, fiz uma carreira lá, aprendi que os negócios se desenvolvem porque existe um equilíbrio e tudo é feito com muita ética e transparência. Foi isso que eu tentei trazer, essa responsabilidade social e visão comprometida com o futuro.

E a opção inicial pela C-Pack, no setor de embalagens?

Gonzaga – A entrada no segmento de embalagem tipo bisnaga foi por acaso. A minha opção inicial seria a área da saúde, com a abertura de um hospital. Mas, nos anos de 1990, seria muito difícil. Quando eu estava estudando, me apresentaram este tipo de embalagem tubo como



Luiz Gonzaga Coelho

Presidente e sócio da C-Pack, Creative Packaging SA, de São José, líder latino-americana em embalagens tipo bisnaga. Também é diretor da Orange, Anazê, Acelog e Hospital SOS Córdio. Luiz Gonzaga Coelho tem 46 anos e é natural de Florianópolis. Com 20 anos, foi buscar experiência profissional na Europa. Fez carreira em Genebra, na Suíça, onde cursou MBA em Gestão Hospitalar e trabalhou na área. Voltou a SC para liderar o projeto da C-Pack e investir no ramo hospitalar. É casado com Elisabeth, da Suíça, e pai de Laura.

“*O nosso grande trunfo é o PE Verde. É o primeiro tubo flexível do mundo feito com a resina plástica desenvolvida pela Braskem, a partir da cana de açúcar.*”

sendo ecológica, que consumia menos matéria-prima e energia. Vi nela um potencial e comecei a avaliar oportunidades de negócios.

Como foi o início da produção e quais as projeções?

Gonzaga – A C-Pack foi aberta em 2002 e começou a operar, em 2003, com uma linha de produção com 14 empregados. Ela vem crescendo numa média de 60% ao ano e, nos últimos 18 meses, investimos quase R\$ 80 milhões. Nossa previsão de faturamento é ultrapassar os R\$ 100 milhões este ano. Pretendemos, ainda, dobrar de tamanho nos próximos três anos.

Hoje, geramos 430 empregos diretos e 200 indiretos.

Quais são os produtos “verdes” da C-Pack?

Gonzaga – O nosso grande trunfo é o PE Verde, que estamos lançando na FCE Cosmetique, maior exposição da indústria cosmética, a partir de terça, em São Paulo. É o primeiro tubo flexível do mundo feito com a resina plástica desenvolvida pela Braskem a partir da cana de açúcar. Isso sim é algo extraordinário, pode ser uma revolução. Além de ser reciclável, tem as mesmas qualidades físico-químicas do que o plástico e

uma carga negativa de carbono importante. Essa embalagem tem cerca de 2,4 toneladas de carbono a menos porque a cana consome CO2 no período que se desenvolve, enquanto o tubo derivado do petróleo tem 2,6 toneladas a mais porque emite carbono. Também criamos, em nosso laboratório, em conjunto com o Senai/SC, uma linha de embalagens com o PLA, que é uma resina derivada de polilacteos do milho e da batata. É uma embalagem que, depois de usada, e colocada na terra e vira adubo em cerca de um ano. Só pode ser usada para produtos com óleo. O PCR Verde é outro produto ecológico que desenvolvemos. Tem três camadas. A do meio é feita com plástico reciclado e as demais são novas.

Quem são sócios da C-Pack e quais negócios têm aqui?

Gonzaga – É um grupo suíço da área da saúde, com uma holding no Brasil que controla a C-Pack e participações em outras empresas. Junto com sócio americano; é acionista da Orange, de Santo Amaro da Imperatriz, uma das líderes mundiais em esferas para desodorante roll-on. Tem, também, a Acelog, do setor logístico, e o Anazê, um laboratório de cosméticos, pequeno, que dá apoio aos nossos clientes que precisam de pesquisas de envase de produção.

E a sociedade no Hospital SOS Córdio, de Florianópolis?

Gonzaga – O grupo criou outra holding, que está investindo na área da saúde. É sócia do Hospital SOS Córdio, da Capital. Eu faço a gestão e tenho uma participação pequena nesses negócios. Tenho apoio direto do presidente do grupo, o suíço Philippe Glatz, que foi um dos fundadores do partido verde da cidade de Lausanne.

Como avalia o ambiente de negócios no Brasil?

Gonzaga – Ford queria criar uma estrutura industrial em que quem trabalhasse nela pudesse comprar o carro. Esse princípio não acontece no Brasil devido à alta carga tributária e elevado custo de vida. Veja um exemplo. Um produto custa R\$ 100 para a indústria e chega ao consumidor por R\$ 450. Um engenheiro dessa empresa ganha R\$ 5 mil, recebe R\$ 3,6 mil após encargos e impostos e, além disso, paga 40% de impostos sobre o que consome. Esse modelo não é sustentável. No papel, é inviável.

Reciclável

O empresário Luiz Gonzaga Coelho explica que a embalagem de tubo de plástico é mais ecológica do que as outras opções de vidro e metal.

– Uma embalagem plástica pode ser reciclada inúmeras vezes. E, no final, pode ser queimada para gerar energia. O grande problema, hoje, é gerar energia – afirma Gonzaga. Segundo ele, filtrar o CO2 da fumaça é uma tecnologia acessível, que todo o mundo conhece. Vidro é uma super embalagem, mas a quantidade de energia para transformar a areia é de 20 a 30 vezes maior do que a similar de plástico.

Florianópolis

Na marca C-Pack o C representa Creative (criatividade), que tem ligação direta com inovação. Segundo Gonzaga, a criatividade está no DNA da empresa. A escolha da Grande Florianópolis, além da qualidade de vida, é porque há universidades e centros técnicos formadores de profissionais. A C-Pack tem parcerias com a UFSC e o Senai/SC. No seu centro de pesquisas, o laboratório Ecotub é voltado a soluções ecológicas.

Na Rio+20

A bisnaga feita de polilacteos, em parceria com o Senai, chamou a atenção do Ministro da Educação, Aloizio Mercadante, que sugeriu à CNI levar para mostra no Rio+20. Graças à alta qualidade, a C-Pack tem mais de 400 clientes no Brasil e exterior, entre os quais Avon, O Boticário, Natura, Nivea, Johnson & Johnson e Aché. A empresa também acumula premiações.

Carreira

Luiz Gonzaga, que começou a trabalhar aos 14 anos, diz que uma das maiores lições que aprendeu com a sua mãe, dona Ivone Koerich Coelho, é que para ser feliz é mais fácil gostar daquilo que a gente faz do que fazer aquilo que a gente gosta. O empresário disse acreditar, ainda, que alguns políticos de visão poderão consertar entranhas que afetam o crescimento econômico.

Bodas de ouro

A entrada do irmão Salim Miguel deve ter representado o maior presente a seu irmão Sayde e à cunhada, dona Avani, nas comemorações de bodas de ouro, festejadas na sede da Associação dos Servidores do Badesc, no Bairro José Mendes, neste dia 26 de maio (sábado), às 12h. Os amigos leitores estão lembrados que em 18 de fevereiro, o escritor Salim Miguel (88 anos) foi submetido a delicada cirurgia, após acidente doméstico que lhe causou traumatismo craniano. Para a alegria de todos nós, depois de 30 dias na UTI, retornou às atividades, estando programado até o lançamento de mais uma importante obra literária.

Diário Catarinense-Cacau Menezes



CINEMA FANTÁSTICO É TEMA NA UFSC

Horror, ficção científica, fantasia e animação. O Cinema Fantástico é o tema da **6ª Semana de Cinema**, que começa hoje e vai até sexta-feira, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A semana apresenta esta temática por meio de mesas redondas, oficinas e um ciclo de filmes nacionais. A sessão de hoje é *A Noite do Chupacabras*. Após a exibição, o diretor Rodrigo Aragão conversará com o público. Informações: www.semanadecinema.ufsc.br.

Na UFSC (Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, S/Nº Trindad, Florianópolis).

Diário Catarinense-Agenda

Sequestro na UFSC

A esperteza de Carolina Luisa Vieira, doutoranda em engenharia, sequestrada quando chegava à UFSC, foi decisiva para se livrar do suspeito que usava revólver de brinquedo. Ela teve que cantar música sertaneja e ouvir a história dele, pai de um menino, para ganhar confiança. A afinidade que a refém conseguiu com o algoz é chamada de Síndrome de Estocolmo. Desesperada pela ausência de Carolina, a mãe postou no Facebook as características do carro que a filha estava e pediu ajuda a quem encontrasse. Foram quase 500 compartilhamentos. Foi um sequestro acompanhado pelas redes sociais, inédita em Santa Catarina, mas que não poderia ser divulgada na imprensa porque o sequestrador poderia ouvir a notícia pelo rádio do carro. Houve algumas postagens do roteiro do carro, no entanto o que facilitou a prisão foi a esperteza da refém favorecida pelo o amadorismo do sequestrador que pagou as despesas de posto de gasolina e hotel com o cartão da vítima.

Notícias do Dia-Segurança

Gorduras

O Núcleo de Prevenção para Doenças Cardiovasculares da UFSC realiza no dia 1º de junho, das 8h30min às 10h, a palestra "A importância das gorduras na alimentação", ministrada pela nutricionista do HU Mara Sérgio Pacheco Honório Coelho. O evento será realizado no auditório do HU e é aberto à comunidade. Mais informações pelo fone (48) 3721-9712, ramal 221, ou pelo e-mail geny@ccs.ufsc.br.

Migrações

Estão abertas até o dia 31 de maio as inscrições de trabalhos para apresentação durante o 2º. Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações. O encontro, que será realizado na UFSC de 17 a 19 de setembro, é uma promoção do Grupo de Pesquisa Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental da instituição.

Notícias do Dia-Serviço

Online

Dica é não divulgar sequestro

JESSÉ GIOTTI

Rapto de engenheira na sexta-feira intensificou debate sobre uso da internet

ÂNGELA BASTOS

O fim de semana foi de recolhimento para a engenheira de produção Carolína Luisa Vieira, 28 anos. Sequestrada na sexta-feira em Florianópolis, ela foi libertada na madrugada de sábado, em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba.

Depois de dar entrevistas nas quais falou sobre as 11 horas em que esteve em poder do criminoso Moisés Thiago Santos de Queiroz, 22 anos, Carolína preferiu passar o domingo em silêncio.

Cercada de atenção pela família e amigos próximos, a doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) se recom pôe do susto para retomar a rotina. O criminoso, que já havia cometido outro sequestro, está preso na Diretoria Estadual de Investigações Criminais (Deic), na Capital.

Até ontem à noite, as mensagens sobre o sequestro continuavam disponíveis no Facebook de Carolína. Ferramenta usada pela família e que permitiu que o crime fosse acompanhado pela internet apresentava os números

da mobilização: houve compartilhamento de 5.129 mensagens. A exposição do sequestro, ainda antes de a polícia ser avisada, divide opiniões. Inclusive entre profissionais que lidam com segurança. Para a maioria, fatores como o despreparo do sequestrador contribuíram para um desfecho sem conotação trágica.

"A princípio, era um sequestro relâmpago que acabou sendo rastreado. Existem protocolos para esse tipo de crime. Na polícia, a gente se preocupa que sejam adotadas práticas não recomendáveis e que possam colocar a vida da pessoa em risco", observa Ildo Rosa, delegado da Polícia Federal.

Um dos policiais da Delegacia Institucional, que trata de crimes ligados a questões de cibernética, Rosa lembra que a divulgação de crime em curso em um espaço aberto, como nos casos das redes sociais, faz uma provocação à sociedade atual. "O fato mostra o crime podendo ser acompanhado em tempo real. Na outra ponta, quando a internet é usada para crimes, a polícia faz monitoramento a partir de denúncias e que pressupõe a exigência da quebra de sigilos", diz.

Fabrizio Bortoluzzi, mestre em ciência da computação, concorda com o uso das redes sociais em caso de crimes: "No lugar da engenheira que foi sequestrada, eu teria feito o mesmo".



FINAL FELIZ

Carolína passou 11 horas sequestrada e foi libertada no Paraná

Redes sociais

A exposição do sequestro divide opiniões

Consultor de segurança crítica uso da internet e avalia que engenheira teve sorte. Página 13

28/05/2012

A Notícia-Estado

EXAME NACIONAL

Inscrições abertas para o Enem 2012

Há regras novas, como a possibilidade de reavaliação da prova de redação

Às 10h de hoje começam as inscrições para a edição deste ano do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Os candidatos poderão se inscrever apenas pela internet, pelo site www.inep.gov.br, até o dia 15 de junho. O valor da inscrição para a prova é R\$ 35, que deve ser pago até 20 de junho.

Markado para os dias 3 e 4 de novembro, o exame deste ano promete algumas novidades. As principais mudanças, anunciadas na semana passada, dizem respeito à correção das provas de redação, que serão reavaliadas em caso de discrepância de notas.

A partir desta edição, o texto que apresentar uma diferença de 200

pontos entre as notas dadas por dois corretores seguirá automaticamente para uma terceira análise. Hoje, para obter essa terceira avaliação, é necessária uma diferença de 300 pontos.

O texto também pode seguir para o terceiro corretor, caso haja diferença de 80 pontos na análise de um ou mais quesitos na definição da pontuação. A nota final, cujo valor máximo é de mil pontos, é baseada em cinco itens, como domínio da língua escrita e aplicação de conceitos de várias áreas de conhecimento.

Guia de redação será entregue aos alunos

Além dessas alterações, o MEC anunciou que os candidatos do Enem terão à disposição um guia de reda-

ção, com regras de correção e exemplos de textos considerados modelo. Esse material deverá ser publicado na página do Inep em PDF e em guias impressos para escolas públicas.

Em 2011, mais de 6 milhões de estudantes se inscreveram para participar da prova. Desde 2009, o exame ganhou importância porque passou a ser usado por instituições públicas de ensino superior como critério de seleção em substituição aos vestibulares tradicionais. O Enem também é pré-requisito para quem quer participar de programas de acesso ao ensino superior e de financiamento público, como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), o Programa Universidade para Todos (ProUni) e as bolsas de estudo no exterior do Ciência sem Fronteiras.

Serviço

- **Inscrições:** pelo site www.inep.gov.br das 10h de hoje até as 23h59min de 15 de junho, no horário oficial de Brasília
- **Prova:** dias 3 e 4 de novembro de 2012
- **Prazo do pagamento:** 20 de junho
- **Quanto:** R\$ 35

SAIBA MAIS

- **No primeiro** dia, sábado, serão realizadas as provas de ciências humanas e suas tecnologias e ciências da natureza e suas tecnologias, com duração de quatro horas e meia.
- **No domingo**, os estudantes terão cinco horas e meia para fazer as provas de matemática e suas tecnologias; linguagens, códigos e suas tecnologias e redação.
- **O gabarito** deve sair dia 7 de novembro.

- **O resultado** final do exame estará disponível para os estudantes conferirem no dia 28 de dezembro.
- **São isentos** da taxa de inscrição alunos de escolas públicas que estejam concluindo o ensino médio em 2012 e aqueles que declararem carência socioeconômica (que fizerem parte de famílias de baixa renda) ou estiverem em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Reportagem Especial

REDES SOCIAIS Podem fazer o bem e o mal

As ferramentas da internet podem ter o uso discutido. Hoje, as redes sociais, que contribuem para salvar vidas e mobilizar povos que lutam por democracia, não guardam segredos em tempo real. Foi o que ocorreu na sexta-feira, quando a família e os amigos da engenheira de Florianópolis se uniram para ajudar a encontrar o seu paradeiro. Especialistas em segurança já debatem qual deveria ser o procedimento mais adequado.

ÂNGELA BASTOS

O uso das redes sociais para monitorar em tempo real o sequestro da engenheira Carolina Luisa Vieira, de 28 anos, na sexta-feira, quando saía da aula na UFSC, levantou uma discussão entre especialistas em segurança. Para a maioria, fatores como o despreparo do sequestrador contribuíram para um desfecho sem conotação trágica:

– A princípio, era um sequestro-relâmpago que acabou sendo arrastado. Existem protocolos para esse tipo de crime. Enquanto polícia, a gente se preocupa que sejam adotadas práticas não recomendáveis e que possam colocar a vida da pessoa em risco – observa Ildo Rosa, delegado da Polícia Federal.

Um dos policiais da Delegacia Institucional da PF, que trata de crimes ligados a questões de cibernética, Rosa lembra que a divulgação de crime em curso, no caso, das redes sociais, traz uma provocação à sociedade atual.

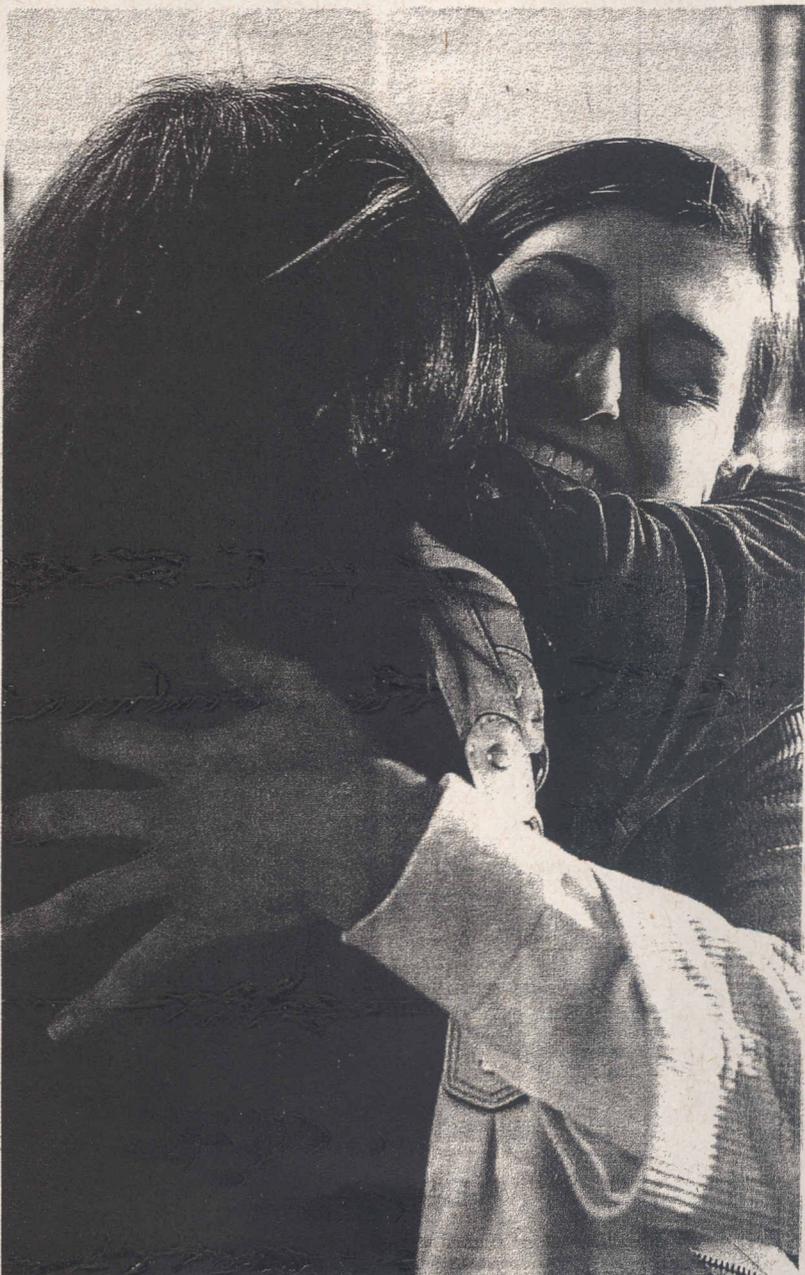
– O fato mostra o crime podendo ser acompanhado em tempo real. Na outra ponta, quando a internet é usada para crimes, a polícia faz monitoramento a partir de denúncias e pressupõe a exigência da quebra de sigilos. Penso que deva haver uma flexibilização das leis e dos conceitos, mesmo éticos – explica.

Fabrizio Bortoluzzi, mestre em Ciência da Computação, concorda com o uso das redes sociais em caso de crimes:

– No caso da engenheira que foi sequestrada, eu teria feito o mesmo.

Até ontem à noite, as mensagens sobre o sequestro continuavam disponíveis no seu Facebook. Ferramenta usada pela família e que permitiu com que o crime fosse acompanhado pela internet apresentava os números da mobilização: houve compartilhamento de 5.129 mensagens. Em razão do ocorrido, a família da engenharia decidiu que deveria manter-se longe de novas exposições para que Carolina possa retomar a sua rotina. O sequestrador, Moisés Thiago Santos de Queiroz, 22 anos, está preso.

angela.bastos@diario.com.br



Carolina Luisa Vieira passou 11 horas sequestrada, e final feliz aconteceu depois de ser libertada no Paraná

Casos policiais e a internet

Veja outros casos em que os sites de relacionamento foram utilizados para divulgar crimes ou encontrar criminosos:

SALVOS PELO FACEBOOK

Uma norte-americana mantida como refém em casa, com o filho de 17 meses, em Utah, pegou o notebook e, escondida no armário, publicou uma mensagem na rede social em dezembro. Um amigo leu e acionou a polícia, que resgatou mãe e filho após cinco dias de cativeiro. Um homem de 33 anos foi preso, por sequestro, abuso infantil, assalto e crueldades com animais. Ele teria sido agressivo com o bebê e impedido a mulher de dar comida para o cachorro.

MONITORAMENTO DA PM IMPEDIU SEQUESTRO

Policiais militares descobriram, através de redes sociais, que criminosos planejavam sequestrar o apresentador de televisão José Luis Datena no final de março deste ano. O crime aconteceria entre as 20h30min e as 21h, na Rodovia Castelo Branco, entre as cidades de São Paulo e Osasco, caminho habitual do jornalista. A polícia alertou Datena e, por meio do cruzamento de informações, chegou ao veículo roubado que seria utilizado durante o crime.

POLÍCIA PEDE PARA AMIGOS TIRAREM INFORMAÇÕES

O sequestro de uma adolescente, ocorrido em maio do ano passado, ao sair de um colégio na cidade de Salvador, na Bahia, foi divulgado por amigos dela em uma rede social. Os policiais determinaram que as mensagens fossem retiradas da internet em seguida, para não prejudicar as investigações em andamento. A jovem só foi libertada cinco dias depois do crime. No período, amigos e jornalistas silenciaram sobre o caso para não prejudicar o trabalho policial.

VÍTIMA IDENTIFICA SEQUESTRADOR PELA INTERNET

Uma comerciante de 25 anos que foi vítima de sequestro na Grande São Paulo, em março de 2010, identificou o criminoso pelo Orkut seis meses depois. Ela foi mantida como refém por duas semanas. Na rede social, ela viu o perfil do filho do criminoso, onde havia uma foto dele com o pai. Ao identificá-lo, ela forneceu as informações à polícia. A vítima foi mantida em um buraco e, depois, em uma casa, de onde foi libertada após uma denúncia anônima. O criminoso foi preso.

MULHER POSTA FOTO DE IRMÃO SEQUESTRADO

Um metalúrgico de 22 anos foi sequestrado na porta de casa em São Paulo. A irmã dele registrou um boletim de ocorrência na madrugada do dia seguinte. Ansiosa por alguma resposta, ela postou uma foto dele no Facebook. O rapelo foi visto por um funcionário de hospital, que entrou em contato com a polícia para dizer que uma pessoa, encontrada baleada sem documentos e que tinha as características do rapaz, estava sendo atendida. Ele acabou morrendo.

JORNALISTA USA CELULAR PARA PEDIR AJUDA

O jornalista japonês Kosuke Tsunekoa foi sequestrado por uma milícia no Afeganistão em abril de 2010. Em setembro, um dos sequestradores comprou um smartphone Nokia N70. Ele mostrou, orgulhoso, a aquisição para o jornalista, mas admitiu que não sabia utilizá-lo - muito menos navegar na internet. Ele se dispôs a ajudá-lo e conseguiu publicar duas mensagens no Twitter. O sistema de geolocalização do celular foi utilizado para encontrar o cativeiro.

COMO O CASO DA ENGENHEIRA DE FLORIANÓPOLIS FOI TRATADO NO FACEBOOK

Mensagem dos pais
No fim da tarde de sexta-feira, a foto de Carolina com os telefones para contato já estavam na internet e até a noite seguiram os compartilhamentos, totalizando 5.129 divulgações.

Prima da vítima
Também fez um apelo e deu detalhes do caminho que ela estava fazendo com informações já postadas pelo primo anteriormente.

Mensagem do primo
Informa que a engenheira está desaparecida e que foi vista pela última vez na UFSC perto do meio dia. Dá as características do carro e registra que houve saque na conta e pede que ajudem a família.

Amiga da vítima
Divulga que o cartão foi usado mais uma vez e um frentista da BR-101 disse que reconheceu Carol no banco de trás do carro, publicando a localização do carro.

ENTREVISTA Rogério Nogueira Meirelles Especialista em segurança

“Rede social é arma para bandido”

Desde sexta-feira, quando o sequestro da engenheira pôde ser acompanhado pela internet, pergunta-se até que ponto as redes sociais podem ajudar na resolução de crimes.

A família recorreu ao Facebook para informar amigos e conhecidos sobre o caso. O DC conversou com Rogério Nogueira Meirelles, policial federal aposentado e consultor na área de segurança da informação.



Diário Catarinense - O que o senhor achou da decisão da família em usar as redes sociais?

Rogério Nogueira Meirelles - Penso que eles tiveram muita sorte. Foi uma decisão arriscada.

DC - O desfecho poderia ter sido outro?

Meirelles - Sim. Talvez isso não tenha ocorrido por ser um crime sem planejamento, onde até a arma era de brinquedo e onde o bandido agia sozinho.

DC - Houve informações repassadas diretamente para as redes sociais. Isso deve ocorrer?

Meirelles - As informações devem ser repassadas sempre para a polícia, que acompanha o caso. Sa-

bemos de muitos sequestros onde os bandidos fazem o monitoramento de dentro dos presídios, através de telefones celulares.

DC - O risco aumenta?

Meirelles - Com certeza pode aumentar. Ao saber que foram descobertos e estão sendo acompanhados, os bandidos podem decidir: “Queima o arquivo”.

DC - O senhor imagina que a partir do aparente sucesso deste caso, as redes sociais possam ser usadas em situações semelhantes?

Meirelles - Temo por isso. Repito que essa família teve muita sorte. Os próximos crimes, principalmente os planejados, poderão ter outros desfechos.

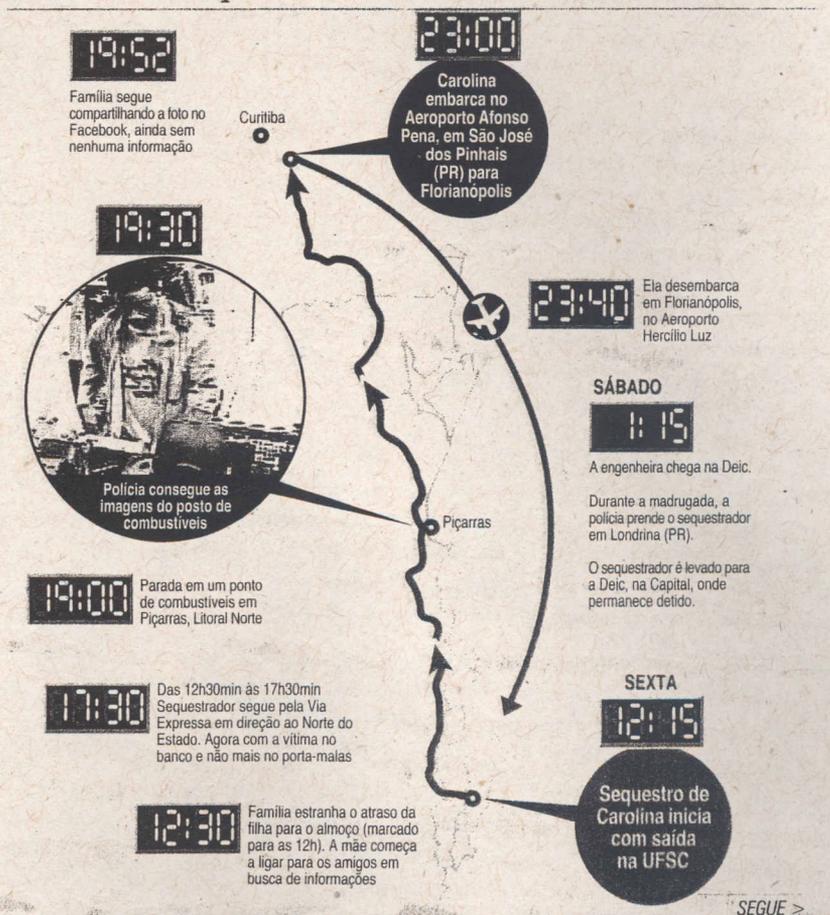
DC - Esse procedimento que foi adotado não deve ser usado como regra?

Meirelles - Penso que não. É um risco muito grande.

DC - O senhor é um especialista em segurança da informação, mas meio arredio às redes sociais?

Meirelles - Minha atuação policial, treinando policiais federais e civis para lidar com informação, me permite dizer que polícia e banditagem são os maiores usuários das redes. É uma exposição: perfil, o que a pessoa gosta, onde vai, com quem vai. Vivemos em um país que ocupa o segundo lugar no mundo em acesso às redes sociais. Para mim, rede social é uma arma para o bandido.

As 11 horas do sequestro



SEQUE >

Paz depois de sequestro

Em casa. Carol recebe o apoio da família após tensão e medo nas 11 piores horas de sua vida

ALESSANDRA OLIVEIRA

alessandraol@noticiasdodia.com.br

@alessandra_ND

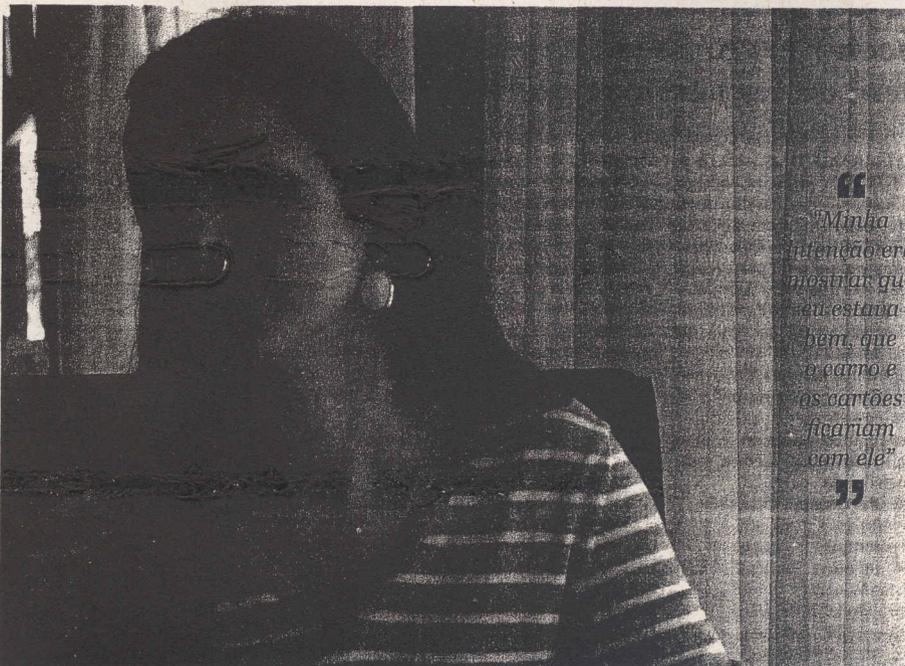
FLORIANÓPOLIS — Carolina Luisa Vieira, 28 anos, ainda está agitada. Entre os pais e os dois irmãos, ela tenta entender o perigo que correu e sua reação durante as horas que passou em poder do sequestrador Moizes Thiago Santos Queiroz, 22. A jovem saía da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), às 12h15 de sexta-feira, quando foi rendida e levada até o Paraná. No trajeto, parte dele dentro do porta-malas do carro, Carolina negociou sua libertação com o bandido. O sequestrador foi detido em Londrina e transferido para Florianópolis.

As mãos agitadas e o olhar preocupado se confundem com a paz de estar em casa com a família. A noite de sono não diminuiu a sensação de desconforto e medo após as 11 horas em que ficou refém de Moizes. O rapaz surgiu ao lado do veículo, no pátio da UFSC, e levantou a camisa mostrando a arma. "Quando ele disse: é um assalto, sabia que era um sequestro relâmpago", lembrou. Carol foi para o banco traseiro enquanto Moizes assumia a direção.

Duas quadras depois, ele a colocou no porta-malas. "Não tinha ninguém na rua porque chovia", detalhou a vítima. Após as tentativas frustradas de saque em caixas eletrônicos, o rapaz exigiu dinheiro. Carol, então, preencheu um cheque no valor de R\$ 1 mil e entregou ao sequestrador. "Pela fresta da tampa do porta-malas do meu carro, eu me localizei e expliquei o caminho até a agência onde ele foi e trocou o cheque", disse.

Com o dinheiro, Moizes rodou por algumas horas pela Capital antes de pegar a ponte Colombo Salles em direção ao Paraná. "Senti as luzes diminuírem e percebi que estava no túnel. Logo vi que estávamos no engarrafamento da ponte", detalhou a moça, que a todo momento era intimidada com as frases: Não faz gracinha. Eu estou armado. "Eu não sabia se alguém se juntaria a ele. Esse era meu maior medo", disse. A preocupação aumentou quando ela percebeu que escurecia. "Eu afirmei que estava colaborando e que minha coluna doía. Por isso, pedi para sentar no banco", contou a engenheira.

O restante da viagem, a jovem fez ao lado do sequestrador, que disse se chamar Leandro e que tinha um filho pequeno. "Minha intenção era mostrar que eu estava bem e que o carro e os cartões ficariam com ele", detalhou.



FOTOS DEBORA ALMEIDA/IN

“Minha intenção era mostrar que eu estava bem, que o carro e os cartões ficariam com ele”

Coragem. “Eu afirmei que estava colaborando e que minha coluna doía. Por isso, pedi para sentar no banco”, contou Carolina Vieira

Celular sem bateria deixou vítima incomunicável com a família

O telefone de Carol tocou uma vez antes que a bateria terminasse. “Pedi para ele ignorar. Disse que era uma amiga da faculdade”, contou, ao lembrar que temia ser obrigada a falar com a família para fazer alguma exigência. Carol foi libertada por volta das 21h30, em uma estrada em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba.

“Ele pediu outro cheque de R\$ 1 mil. Então me deu um cartão para comprar uma passagem na rodoviária e mais R\$ 20 para o táxi”, detalhou, sobre a hora do alívio. “Andei umas duas quadras sem olhar para trás. Já respirei por estar livre”, recordou. No aeroporto, recarregou o telefone, que conseguiu negociar com Moizes pelo relógio de pulso, e mandou mensagem para a mãe e uma amiga pedindo que não bloqueassem os cartões. “Quando cheguei na Ilha, liguei do telefone público para a minha mãe”, disse, sobre os momentos que antecederam ao feliz reencontro.

Negociação. Carol manteve a tranquilidade a ponto de negociar com Moizes para ele lhe deixar o cartão de crédito para comprar a passagem de volta, além de dinheiro para o táxi.

Elogio ao trabalho da polícia e cobrança de punição ao bandido

Ao perceber que a filha não chegava para almoçar, Ester Vieira ligou para a UFSC. Como a jovem sempre avisa aonde vai, a mãe desconfiou que algo estivesse errado. “Meus tios, primos e amigos se envolveram nas buscas”, disse Carol, ao elogiar o bom trabalho da Polícia Civil e Militar e do Bope (Batalhão de Operações Especiais). A jovem, natural de Florianópolis, agradece os mais de 5 mil compartilhamentos no Facebook e disse que a energia e orações dos amigos lhe deram forças para manter a tranquilidade. “Tudo deu certo. Vou tocar a minha vida. Só quero que ele seja punido”, afirmou a doutoranda em engenharia de produção, ao misturar risos e lágrimas.

Rastreamento do cartão de crédito leva polícia ao sequestrador

Moizes abasteceu o carro e fez compras com o cartão da vítima em Santa Catarina e no Paraná. Ao ligar para a operadora e verificar os locais das compras, a família percebeu que algo havia acontecido. “Por que ninguém pede a carteira de identidade?”, questionou Carol, sobre a facilidade do sequestrador em fazer compras em seu nome.

O delegado Renato Hendges, da Divisão Antissequestro da Deic,

ressaltou que a localização de Moizes foi rastreada pelo uso do cartão de crédito. “A Carolina usou da Síndrome de Estocolmo, tática em que a vítima tenta se identificar com o seu sequestrador”, detalhou. Por volta das 5h30 de sábado, Moizes foi preso em flagrante, com o veículo da vítima, pelo delegado da subdivisão de Londrina (PR), Marcus Fraile. Moizes foi transferido para Florianópolis no fim da tarde de

sábado e permanece detido.

De acordo com Fraile, o juiz converterá o flagrante de Moizes em prisão preventiva. “Ele confessou tudo. O depoimento dele bate com o da vítima”, detalhou, lembrando que o sequestrador, que usava uma arma de brinquedo, poderá pegar de seis anos a 12 anos de prisão. “Ele respondia, em liberdade, por extorsão. Agora, responderá por sequestro relâmpago”, disse.



Sequestrador. Moizes, que usou arma de brinquedo para cometer o crime, pode pegar de seis anos a 12 anos de prisão

TRANSPORTE COLETIVO

Ônibus param em Florianópolis

Motoristas e cobradores não aceitaram a nova proposta das empresas e decidiram cruzar os braços por ao menos 24 horas

JOYCE SANTOS

Motoristas e cobradores, cerca de 2 mil trabalhadores do transporte coletivo, decidiram pela greve após duas horas de assembleia no Centro de Florianópolis na noite de ontem. A paralisação, segundo a proposta do Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Urbanos (SINTRATURB), deverá durar 24 horas.

No final da tarde de hoje eles irão fazer nova assembleia para confirmar se a mobilização será suspensa à meia-noite ou se continua. Na Praça das Nações, ao lado do Terminal Integrado do Centro (Ticen), o sindicato montou uma estrutura para realizar a reunião de ontem e também hoje o encontro será realizado no local.

Caso a greve seja encerrada no prazo de um dia, os trabalhadores da categoria deverão voltar às atividades nesta terça-feira. Neste caso, outra suspensão dos trabalhos deverá ser programada até o fim da semana.

A reivindicação da redução da carga horária, de 6h40min para 6h, que não teria sido atendida pelos donos das empresas, ao alegar que a medida iria resultar no aumento de 10% da tarifa, é a principal motivação da greve.

Na quinta-feira, em três assembleias, a categoria já havia decidido pela paralisação de hoje. O encontro de ontem foi marcado depois que as empresas propuseram ganho real de 2% diante do pedido de 5%. Além disso, eles ofereceram reajuste no vale-refeição, de R\$ 380 para R\$ 410. O comandante do 4ºBPM, tenente-coronel Araújo Gomes, informa que haverá reforço policial para garantir a integridade do sistema alternativo de transporte elaborado pela Secretaria de Transportes, Mobilidade e Terminais.

joyce.santos@diario.com.br

Serviço

Saídas e chegadas das Vans



AS ALTERNATIVAS

- **Ônibus municipais** em frota mínima
- **Se a lei for cumprida**, 70% da frota funcionará nos horários de pico
- **Serão 331** ônibus circulando das 6h30min às 9h e das 16h30min às 20h30min.
- **30% da frota** nos horários de entre pico
- **138 ônibus** circulando entre 0h e 6h29min, 9h01min e 16h29min, e das 20h30min à 0h.

FISCALIZAÇÃO

- **Os fiscais** de terminal da prefeitura vão verificar o cumprimento do quadro de horários.
- **Em caso de descumprimento**, a prefeitura vai acionar a procuradoria do Ministério Público Federal do Trabalho para tomar as medidas jurídicas cabíveis.

SERVIÇO DE TRANSPORTE ESPECIAL

- **Cinco bolsões** de transporte alternativo serão criados na região central de Florianópolis (veja mapa)
- **A frota**, de 430 veículos, será composta por ônibus, micro-ônibus e vans já cadastrados pela prefeitura para turismo e transporte escolar.
- **Nos bairros**, os passageiros vão embarcar e desembarcar nos pontos de ônibus. Os terminais de integração estarão fechados.

REGIÕES ATENDIDAS

- **Área central**, Continente, Norte da Ilha, Leste da Ilha e Sul da Ilha. Apesar de o SINTRATURB garantir que a greve vai parar toda a região metropolitana de Florianópolis, as prefeituras de Palhoça, São José e Biguaçu não viabilizaram novas alternativas de transporte.

PERCURSO

- **Os veículos** vão percorrer o mesmo trajeto do transporte coletivo e estão orientados a parar em todos os pontos de ônibus que tenham passageiros.
- **PREÇO DA PASSAGEM**
- **R\$ 4** para a área central da cidade, que vai do Centro ao Norte, até o Floripa Shopping, ao Leste até o Itacorubi e ao Sul até o aeroporto.
- **R\$ 5** para as outras regiões.

HORÁRIO DE CIRCULAÇÃO

- **Das 5h** às 20h.
- **Após esse horário**, os veículos só vão circular se houver demanda.

Fonte: Secretaria Municipal de Transportes, Mobilidade e Terminais

Usuário deve ser ouvido, diz estudioso

AINE REBEQUI

Para entender o impacto que a greve de hoje do transporte coletivo terá na vida de mais de 800 mil pessoas, o DC ouviu o professor Werner Kraus, estudioso da área de mobilidade. Kraus trabalha no Centro de Automação da UFSC.

Segundo Kraus, o transporte coletivo é caro na Capital, porque não existe uma política de transporte que priorize as necessidades do usuário. Para ter ônibus de boa qualidade e com um custo atrativo, ele precisaria ser gerenciado por empresas públicas. Ele diz que na Grande Florianópolis, as empresas têm forte influência sobre o sistema, elas definem seus preços e formas de trabalho. O usuário não é ouvido.

Ele defende que uma das formas de melhorar a qualidade do transporte é criar um fundo, aquele previsto na Política Nacional de Mobilidade Urbana, na qual os municípios estão autorizados a criar um fundo para custear o serviço.

Kraus diz que é preciso incentivar as pessoas a deixarem os carros em casa através de uma pesquisa de preferência declarada. Cem por cento dos moradores precisariam ser ouvidos. O pesquisador levaria ao entrevistado duas imagens dos ônibus. Um de como está hoje e a outra de um ônibus confortável que trafega por vias exclusivas. A pergunta seria: por qual motivo você deixaria seu carro para usar o ônibus? Quanto você pagaria por estes dois serviços?

Com o resultado da pesquisa em mãos, as prefeituras poderiam fechar um consórcio metropolitano.

aine.rebequi@diario.com.br